

## O CONCEITO DE VIRTUALIZAÇÃO DE PIERRE LÉVY

### e sua Aplicação em Hipermissão

Francisco José Paoliello Pimenta\*

>A partir da consideração de que a linguagem hipermissão se constitui, caracteristicamente, de aspectos multicódigos, questiona-se se a fundamentação do conceito de Virtualização, criado por Pierre Lévy, sustentada em teorias vinculadas à linguagem verbal, entre elas as vertentes textualista e desconstrucionista, não mais adequadas.

Hipermissão - Semiótica - Teoria da Comunicação

>As we may consider that hypermedia's language is deeply concerned with multicode aspects, this paper argues that Pierre Levy's concept of Virtualization is based upon verbal language theories (textualism and deconstructionism), which, we think, are not so adequate to this new reality.

Hypermedia - Semiotics - Communication Theory

Este trabalho parte da hipótese de que o conceito de virtual apresentado pelo pensador francês Pierre Lévy é devedor da idéia semiótica de estrutura, principalmente na sua aceção mais específica e atual de estrutura ausente, e, como tal, consiste numa base marcadamente verbal para a análise dos atuais meios de comunicação, entre eles a hipermissão. Após a apresentação de argumentos que sustentem tal aproximação, pretende-se analisar se tal suporte se mostra o mais adequado, tendo em vista o caráter multicódigos das atuais produções de linguagem. Para demonstrar as possíveis relações entre virtualização e as teorias de fundamentação baseadas na linguagem verbal serão utilizados, principalmente, os capítulos 1, "O que é a Virtualização?", e 3, "A Virtualização do Texto", do livro *O Que é o Virtual* (Lévy, 1996).

#### 1. O Conceito de Virtualização para Lévy

No início do capítulo "O que é a Virtualização?", Lévy apresenta como "fácil e enganosa" a oposição entre real e virtual, defendendo que o virtual, na verdade, se opõe ao atual, na medida em que tende a atualizar-se, sem chegar, contudo, à uma concretização efetiva. O autor prossegue sua argumentação, buscando uma base em Deleuze, para afirmar que o virtual se distingue, ainda, do possível, na medida em que este último já estaria constituído, estando somente em estado latente, pronto a se transformar no real. Não teria, assim, a criatividade do virtual. Diz Lévy:

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (Lévy, 1996, p.16).

O virtual ganha, assim, a condição de algo que fornece as tensões para o processo criativo que envolve a atualização. Não seria algo previsível e estático, como a passagem do possível para o real. Esta concepção de virtual nos parece ter relação com a produtividade textual obtida pelo trabalho da desconstrução, tal como propõe Derrida, resultante do processo dinâmico que envolve tanto a *différence* (diferença) como a *différance* (diferência), ou seja, procedimentos de fundo estrutural. O vórtice, o vazio que encontraríamos no final dos processos significantes, caso fosse possível chegar até lá, segundo a desconstrução, seria uma fonte geradora com características semelhantes ao conceito de virtual defendido por Lévy (Derrida, 1994, p. 229).

O autor passa, em seguida, a opor o processo de atualização, como “invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades” (ou seja, o virtual), ao de realização, isto é, a “ocorrência de algo pré-definido”. Lévy vai tecendo, assim, uma rede de oposições binárias, bem ao estilo estrutural, entre possível/real, virtual/atual e (virtual/atual) / (possível/real), usando sempre como critérios a dualidade básica entre as categorias do geral e do particular, característica, por sua vez, da complementaridade proposta na oposição básica do pensamento estrutural entre significado (So) e significante (Se).

A consideração do virtual como matriz criativa reaparece no exemplo apresentado pelo autor, a seguir, no qual ele o compara às atuais características do teletrabalho, onde o espaço social das atividades adquire um modelo de rede no qual os problemas são constantemente repropostos. Para ele, a virtualização, ou seja, o movimento de passagem do atual para o virtual inclui uma dinâmica do particular para “uma problemática mais geral, sobre a qual passa a ser colocada a ênfase ontológica”(Lévy, 1996, p.18). Ou seja, o virtual assume o lugar do significado, ou matriz geradora, em oposição à atualização particular do significante, ou o atual. Neste ponto, Lévy chega a comparar o virtual a um “vazio motor”, ou seja, novamente retorna ao conceito de estrutura ausente, incluindo aí sua força gerativa.

A partir de então, o autor passa a trabalhar com o conceito de virtual no que ele qualifica de uma de suas principais modalidades, ou seja, o desprendimento do aqui e agora. Retorna, assim, ao exemplo da empresa virtual, onde, segundo ele, os elementos são “nômades e dispersos”, ou seja, trabalha-se outra vez com o conceito de ausência. Esta argumentação é reforçada pela consideração do hipertexto como algo “desterritorializado”, que, embora exija suportes físicos, não possuiria, de fato, “um lugar”.

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. (Lévy, 1996, p.21).

Em seguida, Lévy passa a argumentar que a virtualização amplia a variabilidade de espaços e temporalidades. Segundo ele, novos meios de comunicação estabelecem modalidades diversificadas de tempo e espaço que diferenciam aqueles que estão envolvidos, entre si, e também em relação aos que se situam fora do novo sistema. O autor vai além. Segundo ele, chegam a ser criadas qualidades de história diferentes.

Tal perspectiva relativista nos parece aproximar a visão do autor, mais uma vez, das correntes de extração pós-estruturalistas e desconstrutivistas, que também compreendem a significação como fruto das diferenças que se possa estabelecer na sincronia (differénc) da matriz considerada, ou na diacronia (differánc) de suas sucessões (Nöth, 1996, p. 143). Assim, esta atribuição de valor em função das diferenças é aplicada por Lévy ao processo de virtualização, que, conforme já demonstramos, caracteriza-se pelos mesmos aspectos de matriz gerativa “não-presente”. Para ele, a ampliação da comunicação e da velocidade compartilham a “tensão em sair de uma presença”. O custo social deste processo seria, segundo ele, a geração de “detritos humanos”, ou seja, os excluídos.

Já ao final do capítulo, Lévy estabelece novas dualidades associadas à virtualização, numa dinâmica de constante transformação de um elemento no seu par: interior/exterior;

privado/público; próprio/comum; subjetivo/objetivo; mapa/território e autor/leitor. Nada mais característico do processo estrutural que tal dialética (Se/So; sincronia/diacronia; sintagma/paradigma, etc). Esta dinâmica aplicada às empresas virtuais, segundo ele, implica em constantes reconfigurações da matriz de significados, uma vez que o esgarçamento das relações de trabalho dificultariam até mesmo a identificação da figura do patrão.

## 2. A Virtualização do Texto para Lévy

Já na abertura deste outro capítulo, Lévy afirma que o texto é uma entidade virtual e abstrata que atualiza-se por meio da leitura. Assim, ele aproxima o conceito de virtual do próprio conceito de texto, tal como ele aparece no pós-estruturalismo e na desconstrução, ou seja, de uma matriz marcada pelas relações de diferença e pela ausência de referências objetivas, que lhe garantem, contudo, grande geratividade criadora. Além disso, ao vincular a leitura à passagem do virtual ao atual estabelece novos vínculos entre os procedimentos ligados à virtualização, neste caso a atualização, e um mecanismo ligado à linguagem verbal.

Lévy argumenta que o texto é repleto de vazios que estimulam o desdobrar de seus múltiplos sentidos. Diz o autor:

Tal é o trabalho da leitura: a partir de uma linearidade ou de uma platitudo inicial, este ato de rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual possa se desdobrar o sentido. O espaço do sentido não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo, ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos (Lévy, 1996, p.36).

O autor relaciona, ainda, tal produtividade com o quantum de subjetividade que está incluída no ato de leitura, que, de resto, é o que conta. Segundo ele, o texto acaba por servir de interface com nós mesmos. Esta valorização da particularidade é outro aspecto que aproxima o pensamento de Lévy do pós-estruturalismo, na medida em que a idéia de que cada configuração sígnica gera seu próprio sentido, sem possibilidade de apelo a uma referência universal, é típica do universo verbal, já permeava todo o pensamento estrutural e permaneceu como uma referência básica em seus desenvolvimentos, entre eles a desconstrução.

Em seguida, passando do tema da leitura para o da escrita, Lévy defende que o termo “texto” deva servir para qualquer tipo de discurso elaborado ou propósito deliberado, incluindo diagramas e até mensagens iconográficas e fílmicas. Este também é um procedimento característico de fundo estrutural, na medida em que remonta a esta fase da semiologia a consideração dos mecanismos verbais como referência modelar para qualquer outro tipo de linguagem. Segundo o autor, a escrita acelerou o processo de virtualização da memória, ou seja, de sua exteriorização, e, daí, não se pode considerá-la um mero registro da fala. É interessante também tal afirmativa, pois o aproxima ainda mais do pós-estruturalismo, principalmente nas suas tendências textualistas e desconstrucionistas, que defendem que a escrita tem uma economia própria e, portanto, não transmite sem alterações o que recebe da fala (Ong, 1990, pp.166-7).

Por outro lado, surpreendentemente, Lévy opõe, a seguir, a construção de um saber universal, objetivo e crítico, derivado da escrita, ao texto contemporâneo, que, segundo ele, reconstitui a copresença da mensagem e de seu contexto vivo que caracterizam a comunicação oral. Ocorre, entretanto, que o autor passará, então, a considerar o texto disponível no suporte digital como algo da esfera do possível e do real, ou seja, algo sem a criatividade e a produtividade do virtual, que só eclodiriam a partir da intervenção do ato de leitura humana. A atualização e a interpretação dela decorrente se ocuparão, assim, de

resolver as tensões e indeterminações significativas típicas da virtualização. Novamente aparece aqui o contraste entre as dualidades possível/real e virtual/atual, nos moldes do binarismo fundamental Se/So.

Lévy passa, em seguida, a falar do hipertexto como algo da esfera da problemática textual, desde que haja acoplamentos homem/máquina e se garanta, assim, as decisões criativas que não estão contidas no plano estático do possível/real e sim na dinâmica virtual/atual. Com isso, o hipertexto adquire as características da virtualização, ou seja, passa a ser um multiplicador de ocasiões de produção de leitura, principalmente quando agrega um grande número de pessoas em interação. Tais atributos se devem, também, ao alto nível de artificialização, e conseqüente facilitação, já atingido no milenar processo humano de leitura, que conduziria, agora, a uma exteriorização em relação ao texto, ou seja, à sua virtualização.

Além disso, segundo Lévy, a dualidade exterioridade/interioridade atua também aproximando as funções de leitura e de escrita e elevando esta identificação cruzada entre leitor e autor à potência do coletivo. O navegador participa da estruturação do hipertexto, acrescentando ou modificando nós, levando-o a um crescimento ininterrupto. Daí, toda atividade de leitura torna-se também um ato de escrita. Persiste, assim, o pensamento binário.

Para o autor, o processo de virtualização atinge a própria máquina, o computador, que, a exemplo do texto desterritorializado, é desconstruído para dar lugar a “um espaço de comunicação navegável e transparente centrado nos fluxos de comunicação”. Não só os próprios componentes dos computadores se distribuiriam em diversos objetos ligados à tecnologia eletrônica como suas funções se repartiriam nas redes, criando, no limite, um único computador que seria o próprio ciberespaço. Neste caso, a desconstrução serve apenas como metáfora, mas é bastante sugestivo que o autor tenha utilizado esta figura para caracterizar o processo que ocorre na esfera do hardware.

Já em relação ao texto, sua desterritorialização também estaria vinculada ao fato de existir um outro binarismo nas memórias na rede Internet: a reserva textual, de caráter amorfo, e os vínculos ou redes de indicadores particulares. Esta última forma de memória abriria o hipertexto para o “fluxo cósmico e a instabilidade social”. Diz Lévy:

Os dispositivos hipertextuais nas redes digitais desterritorializaram o texto. Fizeram emergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Não há mais um texto, discernível e individualizável, mas apenas texto, assim como não há uma água e uma areia, mas apenas água e areia. (...) Perdendo sua afinidade com as idéias imutáveis que supostamente dominariam o mundo sensível, o texto torna-se análogo ao universo de processos ao qual se mistura (Lévy, 1996, p.48).

O autor estende esta análise para os outros “textos”, como as imagens e as “músicas” do ciberespaço (sons ?), que ficariam sempre na dependência de uma apropriação singular que remeteria a uma determinada interpretação, ligada a uma pertinência local, a um plano semiótico desterritorializado e a uma “trajetória de eficácia ou prazer”. A intenção do autor perderia espaço para a produtividade gerada pelo próprio texto. Tal leitura do processo semiótico usa novamente a desconstrução, ao se basear na particularidade de critérios como apropriação singular, pertinência local, desterritorialização e interesses específicos do leitor. A significação é vista como construção de sentido num contexto semiótico limitado, sem possibilidade de interpretações de caráter geral.

A partir daí, e encerrando sua análise da virtualização do texto, Lévy afirma que, com a digitalização, o texto e a leitura receberam um novo impulso e uma mutação em direção, talvez, a uma futura ideografia dinâmica. Nega, a seguir, a possibilidade do fim da escrita, afirmando, ao contrário, que a virtualização pode vir até a desvelar a essencialidade do texto, seu devir, saindo de uma pré-história e chegando, de fato, à verdadeira invenção da escrita. Em suas palavras:

A cultura do texto, com o que ela implica de diferido na expressão, de distância crítica na interpretação e de remissões cerradas no interior de um universo semântico de intertextualidade é, ao contrário, levada a um imenso desenvolvimento no novo espaço de comunicação das redes digitais (Lévy, 1996, p.50).

Assim, de forma sintomática, reafirma o poder do texto na sua versão de escrita, reforçando a apologia ao verbal e evitando qualquer referência a outros tipos de linguagem, colocados num segundo plano, até mesmo em termos de seus desenvolvimentos futuros.

### **3. O Conceito de Virtualização para Lévy e a Hipermídia**

Após esta demonstração, senão cabal, pelo menos bastante sugestiva, da filiação do pensamento de Lévy às tendências pós-estruturalistas, principalmente da linha textualista e da desconstrução, é possível analisar sua adequação ao atual ambiente de produções multicódigos, principalmente na esfera da hipermídia. Cabe lembrar que tal aproximação é a principal proposta do autor em suas principais obras, todas elas com o mesmo tipo de fundamentação teórica, como é o caso de *As Tecnologias da Inteligência*, por exemplo.

Já a partir das oposições binárias que Lévy estabelece entre possível/real, virtual/atual e entre (possível/real) / (virtual/atual) é possível verificar problemas na proposta de adequação à análise da hipermídia. Isto porque atribuir a produtividade do virtual à sua atualização numa determinada interpretação limita o processo semiótico a um processo mental de “leitura” humana associado a uma matriz igualmente de caráter mentalista, que, mais tarde, no capítulo seis, Lévy associará aos mecanismos eminentemente verbais da gramática e retórica. Dirá, então, o autor:

Gramática, dialética e retórica sucedem-se apenas numa ordem lógica de exposição. Nos processos concretos de virtualização, são simultâneas, ou mesmo puxadas pela retórica. A gramática separa elementos e organiza seqüências. A dialética faz funcionar substituições e correspondências. A retórica separa seus objetos de toda combinatória, de toda referência, para desdobrar o virtual como um mundo autônomo (Lévy, 1996, p. 94).

Contudo, conforme argumentarei em seguida, o cerne da linguagem hipermídia encontra-se na representação de processos externos à mente humana, e é neste sentido que proponho, em primeiro lugar, uma outra versão para os conceitos de possível e real, desqualificados por Lévy como pólos de um processo estático e sem criatividade. Segundo ele, o possível já está todo constituído embora permaneça num limbo, e, além disso, é exatamente como o real, só lhe falta existência.

Acredito, contudo, ser mais coerente associar o possível à característica de geratividade e, portanto, de criatividade, e não o conceito de virtual, tal como propõe Lévy. Isto porque o virtual é apresentado como matriz combinatória de fundo verbal e mental. Já o possível pode ser pensado, com base na semiótica de Peirce, como algo que é tal como é, independentemente de qualquer outra coisa. O fato deste algo não poder ser identificado a não ser que estabeleça alguma relação com alguma outra coisa não determina que não possa ter qualidades positivas em si mesmo. Diz Peirce a respeito da qualidade:

(A qualidade) não é algo que é dependente, em seu modo de ser, da mente, seja na forma dos sentidos ou do pensamento. Nem é dependente, no seu modo de ser, do fato

de que alguma coisa material a possua. Que a qualidade seja dependente dos sentidos é o grande erro dos conceptualistas. Que seja dependente do sujeito no qual ela se concretiza é o grande erro de todas as escolas nominalistas. Uma qualidade é uma mera potencialidade abstrata; e o erro destas escolas reside em sustentar que o potencial, ou possível, não é nada além do que o real faz com que ele venha a ser (Peirce, 1931-1958, 1.422, p.230).

Tal compreensão do possível permite considerar qualidades que se encontram fora da mente humana como parte dos processos semióticos, o que é imprescindível no caso na hipermídia. Isto porque um dos aspectos mais característicos desta nova linguagem é o fato de ser composta por diversos códigos, entre eles o sonoro e, principalmente, o visual, que se mostram extremamente aptos a gerar signos que compartilham qualidades com os objetos que representam, independentemente do que o intérprete possa pensar sobre isso. Assim, se ficarmos presos a uma concepção do possível como um mero estado latente de um real que lhe define o que possa vir a ser, perderemos de vista múltiplos efeitos semióticos da esfera do improvável, do imprevisível, do novo e da surpresa. A esfera do virtual, tal como a defende Lévy, por mais que possa ser por ele caracterizada como matriz de tensões criativas, não pode abranger tais fenômenos, na medida em que já está, de saída, condicionada a seu papel mental de “leitura” humana, conforme descrevi acima.

Estas limitações de análise ficam claras no exemplo de Lévy sobre empresas “virtuais”, na medida em que toda a criatividade inerente à situação consiste da reproposição dos elementos da matriz a partir de seu “vazio motor”. A ênfase nestes aspectos organizacionais, da esfera das relações humanas, é bem característico deste tipo de abordagem, uma vez que os aspectos semióticos que independem da cognição estão fora de consideração já de saída.

A valorização do par virtual/atual em detrimento do par possível/real também implica em problemas para a leitura dos processos da hipermídia, em relação ao segundo elemento da segunda dicotomia, ou seja, o real. Isto porque um dos aspectos de destaque da nova linguagem multicódigos é, exatamente, a valorização do real externo à cognição humana, uma vez que os processos de representação traduzem de forma cada vez mais sofisticada as características dos objetos envolvidos. Com sua teoria da “não-presença” associada ao virtual, Lévy é conduzido a posturas obtusas, como no caso da pergunta “onde ocorre a conversação telefônica?” (obviamente nas linhas, embora, para o usuário, tudo seja transparente); ou quando considera as comunidades “virtuais” não-presentes (na verdade, todos estão presentes, embora distribuídos). Seu distanciamento do real o leva, ainda, a considerar os “coletivos” mais virtualizados do mundo contemporâneo, que “estruturam a realidade social com mais força e até com mais violência”, ou seja, a tecnociência, as finanças e os meios de comunicação, como os “mais desatrelados de um enraizamento espaço-temporal preciso”. Esta visão despolitiza totalmente tais questões ao tentar relativizar a também óbvia, e real, relação espacial e temporal dos interesses que dominam, de fato, tais “coletivos”, independentemente do que Lévy ou qualquer outro possa pensar sobre eles. Daí, talvez, o porquê do autor chegar ao ponto de caracterizar os excluídos da globalização de “detritos humanos”, a serem resgatados pelo aprendizado rumo à “competência”, como se a exclusão social fosse uma mera questão de requalificação profissional.

De resto, no capítulo dedicado à virtualização do texto, o autor comete, em relação à hipermídia, o engano de aferrar-se a uma suposta eclosão de produtividade da escrita, em detrimento do caráter multicódigos desta linguagem, ele sim gerador de representações

mais complexas e sofisticadas, pela recuperação de qualidades e índices de objetos externos à cognição, conforme foi descrito acima. Esta postura restritiva parte já da utilização do termo “texto” para todos os tipos de mensagens, uma herança do estruturalismo, e prossegue por toda a argumentação, que valoriza novamente os “vazios” e a “ausência” como fatores de geratividade exclusiva da escrita, bem aos moldes da desconstrução. Outra restrição ocorre na reafirmação do papel da cognição humana por meio da “leitura” (outro termo baseado no verbal aplicado de forma genérica) como condição para a virtualização do “texto”, e, ainda, ao vê-lo “desterritorializado”, ou seja, “mais próximo do próprio movimento do pensamento” e sem afinidade com o mundo sensível (ver citação reproduzida na página 7).

\* Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP – TSOA/NYU) – Professor Adjunto III da Facom/UFJF

### Referências Bibliográficas

- DERRIDA, Jacques (1973). *Gramatologia*. SP: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_. (1995). *A Escritura e a Diferença*. SP: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Espectros de Marx*. Rio: Relume-Dumará.
- ECO, Umberto (1997). *A Estrutura Ausente*. SP: Perspectiva.
- LÉVY, Pierre (1996). *O Que é Virtual?*. Rio: Editora 34.
- \_\_\_\_\_. (1993). *As Tecnologias da Inteligência*. Rio: Editora 34.
- MICHAEL, Fred. (1988). “Two Forms of Scholastic Realism in Peirce’s Philosophy” in *Transactions of the Charles Sanders Society*, Vol. XXIV no. 3. Amherst: University of Massachusetts Press.
- NASCIMENTO, Evando. (1999) *Derrida e a Literatura*. Niterói: EdUFF.
- NÓTH, Winfred (1995). *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. SP: Annablume.
- \_\_\_\_\_. (1996). *A Semiótica: no Século XX*. SP: Annablume.
- ONG, Walter J. (1982). *Orality and Literacy*. London: Routledge.
- PEIRCE, Charles Sanders (1931-1958). *Collected Papers*. 8 vols. Cambridge: Harvard University Press (citação traduzida pelo autor).
- PIMENTA, Francisco J. P. (1993). *Cadernos Semióticos: as bases tecnológicas do novo jornalismo realista*. SP: PUCSP. Tese de Doutorado.
- ROUANET, Sérgio P. (1987) *As Razões do Iluminismo*. SP: Cia das Letras.
- VATTIMO, Gianni (1996). *O Fim da Modernidade: Nihilismo e Hermenêutica na cultura pós-moderna*. SP: Martins Fontes.